

## **Ensino e aprendizagem de História no Portal do Professor do MEC**

Aléxia Pádua Franco

### **Resumo**

Este trabalho, resultado de investigação financiada pela Fapemig, de 2011 a 2103, examina aulas de história publicadas no site <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>, observando como os professores têm utilizado as TICs, especialmente as mídias digitais, tanto para publicar, editar e comentar aulas de história desenvolvidas em diferentes contextos escolares, como para trabalhar com os jovens narrativas históricas escritas, orais e audiovisuais que circulam em diversos artefatos culturais contemporâneos, através de múltiplas metodologias, desde as que se baseiam no uso destas narrativas como mera ilustração de um acontecimento histórico até as que as consideram representações relacionadas a diferentes projetos e práticas sociais ou fomentam a produção e difusão, pelos estudantes, de novas narrativas a partir da coleta e análise de fontes históricas.

**Palavras-Chave:** ensino e aprendizagem de História, TICs, narrativas históricas

Esta comunicação apresenta resultados de uma pesquisa que objetivou conhecer os diferentes saberes amalgamados na produção do conhecimento histórico escolar, através da investigação das relações entre as sensibilidades e interesses de jovens e professores no mundo contemporâneo. Inicialmente, configurou-se o perfil de estudantes da educação básica e seus professores de História em relação ao acesso e consumo aos artefatos da cultura contemporânea, através da observação de campo em escolas públicas e particulares de um município de Minas Gerais, acompanhada de aplicação de questionários e realização de grupos focais. Neste perfil, a Internet apareceu como a mídia que os jovens de diferentes níveis socioeconômicos mais gostam de acessar na atualidade, inclusive para fazer trabalhos escolares. A partir desta constatação, investigou-se produções históricas discentes e docentes divulgadas em redes sociais como o Youtube e o Portal do Professor do MEC, respectivamente, para compreender como jovens e professores estão se apropriando dos conhecimentos históricos que circulam na escola e em outros espaços formativos, e como estão, assim, constituindo sua consciência histórica.

Neste texto serão discutidas produções docentes através de aulas de História publicadas no site <http://portaldoprofessor.mec.gov.br> criado pelo Ministério da

Educação, em 2008, para inserir os professores de todos os níveis de ensino nas redes sociais e incentivar o uso, nas escolas, das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Nele são divulgados materiais educacionais produzidos pelo ministério e socializadas experiências de professores de todo o Brasil relacionadas a exploração das mídias digitais em diferentes níveis/modalidades de ensino e áreas de conhecimento. Conforme artigo publicado na Revista TV Escola (Brasil, 2010, p. 16-18),

... o site, que tem o objetivo de apoiar o processo de formação do professor e contribuir para sua inserção no mundo digital, já atraiu a atenção de mais de 700 mil visitantes únicos. (...) É pelo Espaço da Aula que o Portal convida os educadores a criar, visualizar e compartilhar planejamentos que costumam conter recursos multimídia, como vídeos, animações e áudio. Atualmente, há cerca de 1.200 aulas publicadas, sendo que qualquer professor pode colaborar com as propostas postadas por meio de edição ou comentário. Ainda contabilizando itens que colaboram para repensar estratégias dentro e fora da sala de aula, mais de três mil recursos multimídia públicos de todo o mundo – e para todos os níveis de ensino – estão à disposição dos visitantes, bem como indicações de cursos e materiais de estudo para subsidiar a formação. (...) Fórum e chat são exemplos de ferramentas que permitem a interação entre os visitantes...

Analisaremos como os professores têm se utilizado das TICs, mas especificamente das mídias digitais, tanto para postar, editar e comentar aulas de História que desenvolvem em diferentes contextos escolares e níveis de ensino, quanto para trabalhar com os jovens narrativas históricas escritas, orais, imagéticas e audiovisuais que circulam em diversificados artefatos culturais contemporâneos, através de diferentes metodologias. Desde aquelas que se baseiam na utilização destas narrativas como mera ilustração de informações históricas tratadas como neutras até aquelas que as confrontam como construções histórico e sociais relacionadas a diferentes projetos e práticas sociais ou até incentivam a produção de novas narrativas a partir do levantamento e interpretação de fontes pelos estudantes.

Sobre os referenciais teórico metodológicos de nossas análises, primeiramente, recorreremos a Rüsen (2001) e Bergmann (1990) para diferenciar nosso objeto de estudo, saber histórico escolar, da História enquanto ciência. O ensino de História, segundo Rüsen, é baseado na ciência da História, mas não se ocupa da racionalização da teoria da História, e tem especificidades relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, aos procedimentos de comunicação professor, alunos e conhecimento histórico, que requerem uma disciplina que pesquise e reflita sobre elas: a Didática da História. Bergmann aponta que uma reflexão faz parte do campo da Didática da História, quando investiga o que efetivamente está sendo, pode ou deveria ser apreendido em aulas de

História, em diálogo com a formação histórica que se dá no âmbito extraescolar. Portanto, ela está fortemente relacionada à formação, aos saberes e práticas dos professores de História e seus alunos e aproxima-se das discussões feitas por Pagés y Henríquez (2004) sobre a Didática das Ciências Sociais.

Também localizamos nossas questões no cotidiano escolar contemporâneo onde, por causa das rápidas mudanças tecnológicas da mídia social, pode ocorrer um distanciamento entre professores e alunos. Green e Bigum (1995) investigam, através de uma revisão bibliográfica sobre o tema e a fala de professores, que nossas conexões mentais estão se transformando e cada vez mais o tempo presente e as relações midiáticas são valorizadas. Professores que se movimentam com mais facilidade nos meios didáticos mais tradicionais, nos quais prevalecem a linguagem oral e escrita, por vezes não reconhecem a cultura audiovisual e digital dos alunos.

Para pensar estas diferenças entre a cultura docente e dos alunos, no que tange ao consumo de artefatos culturais escritos, orais, imagéticos, audiovisuais e digitais, e assim contribuir para composição de processos de ensino e aprendizagem em História e materiais didáticos que construam o diálogo entre a cultura contemporânea vivenciada pela comunidade escolar e o conhecimento histórico, a análise dos dados coletados em duas pesquisas realizadas no Brasil, no anos 2010, muito contribuiu: *Os Jovens e a História e Peabiru: ensino de História e cultura contemporânea*.

Percebemos que os resultados da pesquisa *Jovens e a História* são semelhantes àqueles obtidos pela pesquisa realizada em Portugal nos anos 1990, sob a coordenação de Pais (1999): os filmes de ficção são as formas de divulgação da História que mais agradam os alunos, mas isso não se repete no quesito confiança. Os documentos oficiais e a fala dos professores são os lugares em que a História aparece que os alunos mais confiam, como podemos conferir no gráfico 1, a seguir. Estes resultados foram semelhantes também àqueles obtidos na primeira etapa do *Peabiru*, apesar desta ter apresentado uma opção de consumo cultural que as pesquisas anteriores não consideraram: a Internet. Os jovens estudantes de escolas públicas, estaduais e municipais, e particulares que participaram da pesquisa em um município de Minas Gerais, independente de seu nível socioeconômico preferem consumir e pesquisar produções históricas divulgadas através de filmes, jogos digitais, sites da Internet, mas consideram mais legítimos o conhecimento histórico dos seus professores e livros didáticos de História.

**Formas em que a História aparece que os alunos mais gostam e confiam.**

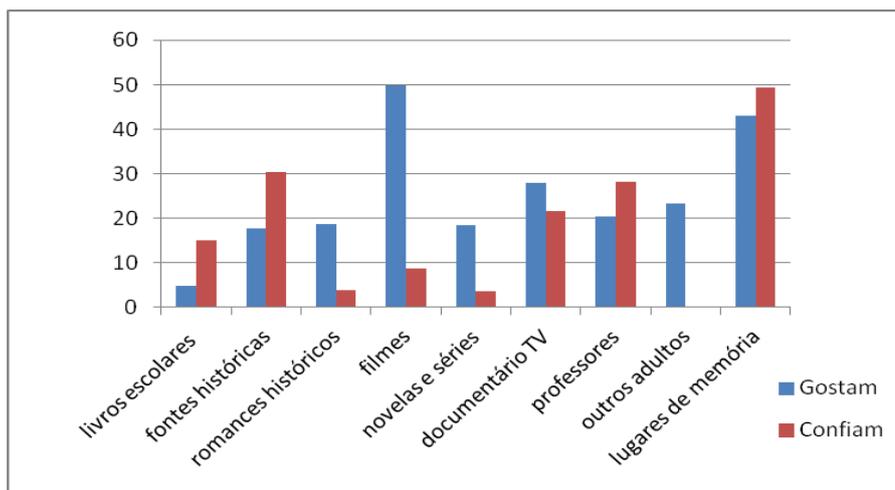


Gráfico 1: Formas em que a História aparece que estudantes da educação básica mais gostam e confiam. Fonte: Os jovens e a História – 2012.

Barbero (2008) destaca que os alunos reconhecem no professor o domínio dos *saberes letivos*, que são aqueles relacionados ao conhecimento escolar, mas existe uma defasagem destes em relação às informações encontradas em outros ambientes, as quais o autor chama de *saberes mosaicos*. Essa diferença, segundo o autor, se dá porque existe, entre muitos professores, o receio de que se outro tipo de conhecimento for aceito em sala de aula, o dele será desautorizado. No entanto, como foi detectado na pesquisa, essa autoridade do saber letivo do professor não foi ameaçada pela circulação de saberes históricos em outros espaços culturais.

Essa hierarquização do conhecimento é criticada por Barbero, que defende o diálogo crítico entre os conhecimentos que circulam em diferentes espaços culturais, rompendo, assim, com os métodos tradicionais que guiam o processo ensino e aprendizagem através do foco e reprodução de apenas uma fonte de verdade. Perspectiva esta também apontada por Boaventura Santos (2010, p. 56-57) ao propor a "ecologia dos saberes" que

... procura dar consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo. [...] A utopia do interconhecimento é aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios. É esta a tecnologia da prudência que subjaz à ecologia dos saberes. Ela convida a uma reflexão mais profunda sobre a diferença entre a ciência como conhecimento monopolista e a ciência como parte da ecologia de saberes. [...] A luta por uma justiça cognitiva não terá sucesso se se basear apenas na ideia de uma distribuição mais equitativa

do conhecimento científico. [...] Na ecologia dos saberes, a busca de credibilidade para os conhecimentos não científicos não implica o descrédito do conhecimento científico. Trata-se [...] de promover a interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes, não científicos...

A partir destas constatações e pressupostos, sentimos a necessidade de pesquisar aulas de História para observar como elas consideram as preferências dos jovens e como os professores estão fazendo a ponte entre os saberes letivos e os saberes mosaicos (BARBERO, 2008); entre os saberes científicos e não científicos (Boaventura SANTOS, 2010) . Para isto, escolhemos o Portal do Professor no MEC, pois além desta rede social reunir aulas de professores de diferentes regiões do Brasil, ela tem o objetivo de incentivar e formar os professores para que eles utilizem as novas mídias e as novas tecnologias de informações e comunicação (NTICs) como material e recurso didático.

Ao buscar as aulas de História postadas no Portal, percebemos que o estado de Minas Gerais é o que mais tem professores divulgando suas aulas, enquanto as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste têm poucas aulas postadas. Todas as aulas selecionadas utilizam a Internet como recurso chave para o desenvolvimento do conteúdo e os tipos de mídia mais explorados, através da Internet, são textos e imagens online. Para nossas análises, tomaremos como exemplo duas aulas, postadas no Portal do Professor, em 2010, para o ensino médio, as quais exploram de diferentes maneiras as fontes localizadas na Internet: uma aula intitulada “África, um continente em guerra” e outra intitulada “Cultura popular e resistência: o engajamento da MPB durante a ditadura militar”.

A aula sobre a África utiliza a Internet como a maioria das aulas de História postadas no Portal: mesmo utilizando as NTICs, continua abordando as fontes tradicionalmente utilizadas no ensino de História, imagens e textos, como verdade inquestionável. Acrescentou-se apenas um suporte, para além do livro didático e do quadro negro, a tela do computador. Em outras palavras, a Internet é utilizada pelos professores, na maioria das vezes, como um instrumento para a reprodução de músicas, filmes, imagens, textos e vídeos, mas seu potencial de interatividade, de facilitar o acesso e confronto de múltiplas consciências e representações históricas apresentadas nos filmes, músicas, imagens, vídeos e textos disponibilizados na rede e nos comentários postados pelos internautas, não tem sido explorado.

Nesta aula, o objetivo do professor é fazer com que o aluno conheça o processo de colonização e descolonização da África acontecidos nos séculos XIX e XX. No

primeiro momento, propõe a reflexão sobre representações midiáticas da África, a partir da observação de uma imagem do mapa da África com uma mulher negra carregando um filho nas costas e uma vasilha d'água na cabeça. A imagem aparece no Portal sem referência, mas como encontra-se digitalizada, supõe-se que será mostrada aos alunos por meio de algum dispositivo eletrônico como computadores ou datashow. Ao não mencionar a fonte da imagem, nem contextualizar sua produção e autoria, além de a partir dela propor que os alunos reflitam sobre o porquê da África ser retratada na mídia com conceitos negativos, homogeneiza-se as informações que circulam nos meios de comunicação, como se esta imagem falasse por todas as outras, e naturaliza-se a informação, dificultando a reflexão crítica sobre as múltiplas representações sobre a África e sua história.

No segundo momento da aula, um vídeo do portal Youtube é indicado para que os alunos assistam e produzam um pequeno texto sobre o tema nele abordado. No entanto, em 2013, quando a aula foi acessada para esta pesquisa, o vídeo não estava mais disponível e como o professor não mencionou seu título, autoria e produção, não foi possível localizá-lo em outro site ou mídia. Mesmo assim, foi possível, mais uma vez, perceber como as produções veiculadas na Internet foram tratadas como se fossem neutras, com informações para serem simplesmente absorvidas e sintetizadas pelos alunos.

A terceira e última atividade da aula é a leitura de um texto online, seguida de perguntas de compreensão sobre os fatos relacionados ao processo de colonização e descolonização da África: "Quais as causas dos conflitos armados na África?; Qual a ideologia dos europeus utilizadas para justificar a colonização africana?; O que foi a Conferência de Berlim?; Que consequências sociais e econômicas do processo de descolonização?; Aponte semelhanças e diferenças entre o processo de colonização e descolonização da África e do Brasil". Perguntas que misturam fatos de diferentes momentos históricos, sem identificá-los, e que requerem apenas a reprodução das informações do texto, não problematizando sua visão homogeneizadora e romântica da história da África ao afirmar que "... a luta pela independência se intensificou na década de 60, **sempre** marcada pelo derramamento de sangue, uma vez que **nunca** havia atos pacíficos. [...] antes dos europeus as tribos tinham suas próprias fronteiras e **todos se respeitavam**" (grifos nossos). Afirmações estas que desconsideram as múltiplas experiências de lutas e negociações pela descolonização (de lutas armadas a acordos

políticos) e os conflitos entre os diferentes povos que habitavam a África, mesmo antes da chegada dos europeus.

Ainda sobre a terceira atividade de leitura de texto online, segundo Chartier (2002), existem diferenças fundamentais entre ler um texto na tela do computador e lê-lo em material papel. Como agora em um único lugar podemos ler diversos textos, perdemos a noção da obra por inteiro; a leitura na tela eletrônica se dá de maneira descontínua, assim por vezes não se percebe a temática e nem a autoria do texto. A escrita eletrônica também se difere no sentido de que o texto pode ser modificado, não é algo fechado, dessa forma o autor pode ser múltiplo e até mesmo desaparecer. É, portanto, uma revolução técnica, da maneira como se lê e da maneira como se escreve. Sendo assim, apesar de a utilização do computador em sala de aula, além do livro didático e do quadro negro, ampliar as possibilidades de encontrar fontes de estudo e pesquisa, é preciso considerar as especificidades e diferenças entre ler um texto de livro impresso e um da Internet, no sentido de contribuir para a formação do leitor crítico.

Preocupação esta que não fez parte do planejamento da aula até aqui analisada. Nela a descontinuidade da leitura do material online e da perda de referência da autoria são reforçadas pela maneira como o professor apresenta e propõe a consulta do material sobre a África: sem destacar autoria e fonte, com perguntas de compreensão simples, sem confrontar com as outras fontes apresentadas, mas trabalhando-as como se complementares e neutras.

Dessa mesma maneira, como recursos complementares e indicados para aprender mais sobre o assunto, o professor propõe o filme *Hotel Ruanda* e a leitura de outros textos encontrados online, novamente como se fossem informações neutras, inquestionáveis e despersonalizadas.

Vale destacar nas fontes utilizadas nessa aula, a tentativa de aproximação do professor aos interesses dos alunos que, como foi identificado nas pesquisas *Os jovens e a História* e *PEABIRU*, gostam mais da História que é apresentada pelos filmes de ficção e da pesquisa na Internet. Entretanto, pelos comentários postados nesta aula, vemos que o acesso à internet nas escolas brasileiras nem sempre é uma realidade. Cinco dos dezenove comentários elogiam a iniciativa do professor de utilizar as novas tecnologias, aguçando a curiosidade dos alunos ao propor pesquisas online sobre os temas que aprendem nas aulas de História, entretanto lastimam o fato de ainda existirem escolas que não possuem laboratório multimídia para praticar a proposta:

...Seria uma aula muito boa para um professor que tivesse uma sala multimídia. Os professores do IBMEC têm isso, e cada aluno um laptop. Mas e quando na sua escola às vezes chega a faltar até giz? O Haiti às vezes é aqui. Na maioria das vezes. E olha que falo do "estado mais rico" do Brasil, e da melhor escola estadual de minha cidade... (Fernanda, 2010 - SP)

Tais comentários, para além de destacarem a importância da infraestrutura escolar para permitir a inserção das NTICs na sala de aula, revelam como os professores as consideram importantes ferramentas para mobilizar a participação dos alunos na aula, mas nem sempre preocupam-se em refletir sobre como propor a apropriação das informações disponibilizadas nessas ferramentas.

Podemos perceber pela estrutura desta aula e pelos comentários sobre ela, a permanência das aulas conteudistas baseadas na exposição e reprodução de informações históricas apresentadas em textos e imagens, independente dos recursos didáticos utilizados: livros didáticos, quadro negro ou computadores e Internet. Ou seja, o uso de fontes das NTICs não trouxe mudanças substanciais na relação estabelecida com o conhecimento histórico e, além disso, intensificou a relação despersonalizada e naturalizada com as fontes históricas que pouco contribui para o desenvolvimento do pensamento e da consciência histórica, no sentido de apropriação crítica das fontes enquanto construções históricas e sociais que possibilitam uma reflexão aprofundada da relação passado e presente, seus diferentes projetos e práticas sociais, e da importância de pensarmos de maneira contextualizada no nosso agir social (CERRI, 2011, p. 17-18; RÜSEN, 1997, p. 29).

Mesmo sendo o perfil desta primeira aula o mais comum entre as aulas postadas no Portal Docente, há também sugestões de aulas com configurações que, além de utilizar vários tipos de mídias sociais, também exploram de forma mais dinâmica as potencialidades específicas da Internet. Mostraremos como exemplo, a aula intitulada “Cultura popular e resistência: o engajamento da MPB durante a ditadura militar”.

A aula se inicia com a apresentação e debate do videoclipe da música Minha Alma (A Paz que eu não quero) do grupo Rappa, postado no Youtube e transmitido para a turma através da TV multimídia, um aparelho eletrônico que tem sido distribuído em escolas do estado do Paraná com a capacidade de armazenar arquivos, além de reproduzir filmes, vídeos, áudio, músicas, etc. A fonte audiovisual, neste caso, é contextualizada e problematizada pela professora com o intuito de mobilizar os alunos para pensarem sobre a questão da arte engajada no presente e nos anos 60, período da ditadura militar. A aula segue com pesquisas em grupo sobre os Festivais da Canção nos

anos 60, seu público, compositores, intérpretes e sua relação com a censura militar, através da consulta em sites sugeridos pela professora, da análise de fotografias do festival também presentes em diferentes sites e da produção em forma de cartazes ou - caso a escola disponibilize laboratório de informática - da produção de um vídeo com auxílio do *movie maker* ou do software livre *kino*. Muitos dos links sugeridos pela professora em 2010 não estão mais disponíveis, característica da fugacidade da informação na Internet, mas diferente da aula sobre a África, como a professora legendou o material lincado, há a possibilidade de quem consulta a aula poder localizar o material sugerido em outras fontes midiáticas.

A terceira atividade da aula propõe uma mesa-redonda entre os alunos, mediada pelo professor, para debater músicas apresentadas no Festival da Canção (Roda Viva, Disparada, É proibido Proibir), e através delas pensar se havia "uniformidade de pensamento acerca do engajamento artístico do período mencionado" e o papel e os limites da "arte politizada". Mais uma vez, os alunos são incentivados a pesquisarem e produzirem de forma compartilhada biografias de diferentes artistas que participaram dos Festivais da Canção nos anos 1960, utilizando o aplicativo *Google Docs*.

Para finalizar o estudo desta temática, a professora propõe que os alunos, depois de assistirem audiovisuais online sobre o papel da ditadura militar e da censura no campo artístico, pesquisem e expressem sua opinião sobre a produção musical dos dias de hoje, quando

... os artistas possuem plena liberdade de expressão e este benefício (muitas vezes) não colabora com a qualidade das músicas. Canções de versos pobres e melodias extremamente simples fazem sucesso de público e não raramente se traduzem em verdadeiros 'movimentos culturais' - como o forró universitário e, mais recentemente, com o sertanejo universitário. Os modismos não se comprometem com questões mais profundas, estes artistas se interessam em entreter e lucrar. [...] Mas, conforme nos mostrou a canção 'A minha alma', artistas contemporâneos fazem canções ricas em forma e conteúdo...

Podemos perceber que esta aula difere da analisada anteriormente, pois a professora que a planejou, além de utilizar a Internet como fonte de coleta de informação que ela tem a preocupação de localizar o contexto e a autoria, a utiliza como possibilidade de confronto de diferentes fontes e de produção discente de sínteses e reflexões. Através de softwares disponibilizados na Internet, como o *Google Docs*, que facilitam que os alunos sejam não só consumidores mas também produtores de informação, a professora incentiva que eles interajam e produzam análises coletivas. Isto em diálogo com as especificidades do pensamento histórico: análise e confronto de

diferentes fontes e projetos e práticas sociais, relação passado e presente, reflexão sobre agir social e político no passado e nos dias de hoje.

Através destes dois exemplos de aulas de História postadas no Portal do Professor, podemos perceber que, para além de inserir novos artefatos culturais nas aulas de História (dos filmes aos sites de Internet), é preciso e possível pensarmos a apropriação crítica e interativa das representações históricas por eles divulgadas.

Enfim, as pesquisas sobre formação histórica extraescolar, em diferentes regiões do Brasil e do mundo, confirmam-se umas as outras quanto ao acesso cada vez mais frequente dos jovens estudantes às produções culturais audiovisuais e digitais. Em qualquer nível social o acesso existe, o que varia é a sua frequência. É perceptível também que as formas de acesso aos meios digitais, com os avanços tecnológicos, mudam velozmente do computador de mesa e internet discada para os celulares e tablets com tecnologia wireless e 3G. O que se mantém é o desafio de empreender necessárias pesquisas sobre este consumo, para entender como ele tem participado da formação da consciência histórica dos jovens e pensar como a escola, através de seus profissionais, pode contribuir para a transformação das informações escritas e audiovisuais cada vez mais facilmente acessadas em conhecimento crítico sobre o mundo que vivemos, inserindo-o no processo histórico de sua formação e transformação e no âmbito da ação social.

### **Referências**

BARBERO, J. M. Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. En M. Herschamann, , A P. G. Ribeiro (Orgs), Comunicação e História: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X & Globo Universidade, 2008.

BERGMANN, K. A História na reflexão didática. Revista Brasileira de História, São Paulo, 9/19, 1989/1990, 29-42.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação a Distância (março/abril 2010). TV Escola – Tecnologias na Educação, 18, mar/abr. 2010.

CARDOSO, O. Para uma definição de Didática da História. Revista Brasileira de História. 28/ 55, 2008, 153-170.

CERRI, L. F. Ensino de História e consciência histórica. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CHARTIER, R. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

GREEN, B. e BIGUN, C. Alienígenas em sala de aula. En T. T. Silva (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais da educação (pp. 208-243). Petrópolis: Vozes, 1995

PAGÈS, J. y Henríquez, R. La investigación en didáctica de la historia. *Educación XXI*, 7. Universidad Nacional de Educación a Distancia: Madrid, 2004.

PAIS, J. M. Consciência histórica e identidade: jovens portugueses num contexto europeu. Portugal: Celta Editora, 1999.

RÜSEN, J. (2012). El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. (dic. 1992). Propuesta educativa - Flacso 4 (7). Buenos Aires: Miño y Davila ed., 27-36.

\_\_\_\_\_. Razão Histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UNB, 2001.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. En B. de S. SANTOS, y M. P. MENESES. (Orgs.). Epistemologias do Sul. São. Paulo: Cortez, 2010